

MUDANÇA DE VIDA

Profissão tira meninos da rua

Ex-meninos de rua contam como souberam agarrar as oportunidades com concursos, empregos ou pequenas empresas

AJ11916-1

Sandrine Luchi
Sinval Paulino

Deixar de morar nas ruas e mudar radicalmente de vida, assumindo profissões e negócios em busca de ser reconhecido pela sociedade e pelo mercado de trabalho.

Esta é a história da vida dos ex-meninos de rua, hoje professores, Osmar Domingos de Souza, 34 anos, e Jorge Soares Falbo, 49.

Já Servo Benedito de Souza, 52, também ex-morador de rua, virou comerciante e, hoje, é dono de uma lanchonete.

São exemplos de pessoas que fazem parte de dados como os divulgados pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN).

Segundo o instituto, 405 mil pessoas deixaram a linha de pobreza no Espírito Santo em seis anos – ou seja, o índice de pessoas vivendo até a linha da miséria caiu 52% entre 2001 e 2007.

Mesmo sem conhecimentos teóricos, algumas pessoas conseguem desenvolver práticas de empreendedorismo, partir para a luta e investir em seu potencial – qualidade exaltadas no mundo dos negócios e que, na prática, ajuda a mudar a vida destas pessoas.

OPORTUNIDADES

Osmar, Jorge e Servo são unânimes em dizer que, para fazer parte destes números, é preciso força de



“As pessoas precisam ter vontade de mudar para sair da rua. Um dia eu decidi e fiz isso”

Servo Benedito de Souza, comerciante

vontade, aproveitando pequenas oportunidades. E, muitas vezes, o acaso ajuda.

Servo morou nas ruas dos 12 aos 27 anos, até que tomou a decisão de mudar de vida.

“Foi quando um dia um moço esbarrou em mim e me pediu des-

“Fui para rua querendo ajudar em casa e acabei ficando. Apanhei muito e vi meus colegas morrerem”

Jorge Soares Falbo, professor

culpas. Eu disse um monte de desaforo, e ele disse que eu não era ninguém”, relatou.

Servo conta que algumas pessoas perceberam que ele queria mudar, então ele conseguiu um emprego. Mais tarde, montou uma lanchonete em Vila Velha.

“Na rua, fumava, bebia e cheguei até a roubar para comer. Tive força de vontade e hoje sou um trabalhador”

Osmar Domingos de Souza, professor

Servo não revela sua renda mensal, mas diz que consegue viver tranquilamente com o que fatura na fabricação e venda de salgados, linguiça e biscoitos.

Já Jorge foi convencido por um grupo de evangélicos a sair das ruas. Assim, teve oportunidade de

estudar Teologia e viajar pelo mundo como missionário.

Hoje, ele dá aulas de Inglês em comunidades carentes e recebe cerca de R\$ 1.200 por mês.

O professor de Educação Física Osmar, que viveu três anos nas ruas, agora dá aulas de esportes.

“Dei a volta por cima do preconceito”

Após três anos vivendo nas ruas, Osmar Domingos de Souza, de 34 anos, tem orgulho de dizer que deu a volta por cima do preconceito por ter sido um menino de rua. Hoje, ele trabalha como professor de Educação Física no Orfanato Cristo Rei, em Itaquiari, Cariacica. O orfanato foi o local onde Osmar foi acolhido e viveu por 14 anos.

A TRIBUNA - Quando e por que você foi morar na rua?

OSMAR DOMINGOS DE SOUZA - Fui para a rua com 7 anos, pois via minha mãe sendo agredida em casa pelo meu padrasto. Fiquei até os 10 anos de idade na rua.

> Na rua você se envolveu com drogas?

Sim. Fumava maconha e bebia.
> Passou fome algum dia?
Era difícil viver na rua e cheguei a roubar para comprar alguma comida. Na rua você não sabe se no outro dia você vai estar vivo.

> Como saiu das ruas?
Um grupo de pessoas me levou para o Orfanato Cristo Rei. Foi a minha salvação. Fiquei lá até 1998.



ORFANATO Cristo Rei: disciplina ajuda na volta à sociedade

> Como foi sua recuperação?
Eu queria mudar e tive força de vontade. Recebi educação no orfanato e agradeço a disciplina que a irmã Marcelina me deu. Estudei e fiz o Magistério. Também já fui jogador profissional de futebol e atuei no Vitória.

> Como é o seu trabalho no orfanato?

Trabalho dando aulas de esportes para as 120 crianças que vivem no orfanato. Também tenho um projeto com 300 crianças e adoles-

centes da comunidade.

> Recebe pelo que faz?

Sim. Com o trabalho que faço e com uma área de esportes que tenho arrendada, minha renda mensal é de R\$ 1.000.

> Você fala com as crianças sobre sua experiência de vida?

Sim. Converso para que sigam o caminho certo, longe das drogas e da bebida. Acho que o esporte é a forma mais fácil de tirar as crianças da rua. Minha meta não é formar atletas, mas formar cidadãos.

> Por ser ex-menino de rua sofreu algum preconceito ao longo de sua vida?

Com certeza, mas dei a volta por cima do preconceito. As pessoas acham que, por você ter vindo da rua, não vale nada e não tem mais jeito. Depois que você conversa e mostra o que quer, as pessoas abrem o coração.

> Tem algum sonho?

O de fazer faculdade de Educação Física, e sei que vou realizar.

> Atualmente você tem contato com sua mãe?

Sim. Não sou revoltado.

> Qual palavra resume a sua história de vida?

Superação.

“Superação é o que representa minha vida. Também valorizo tudo que tenho porque sei que tudo foi uma conquista”

Experiência é usada para ajudar meninos a mudar de vida

Mesmo em dificuldades, é possível encontrar uma chance e ter renda aproveitando a própria experiência. É o caso do ex-morador de rua Wagner dos Santos, 25 anos, que virou educador social.

Ele saiu de casa após a morte da mãe e passou quase 9 anos vagando por Campo Grande, Cariacica. Catava papelão e sucata para vender, e ganhava R\$ 30 por dia, mas gastava quase tudo com a bebida.

Nas ruas, Wagner conheceu a mulher. Em 2007, representantes de uma associação beneficente os convenceram a largar as ruas, e eles foram para um abrigo. Hoje, casado e pai de um filho de 1 ano e 4 meses, Wagner quer concluir os estudos.

Na 5ª série, ele trabalha à noite no abrigo que o acolheu, como educador social, e usa a experiência para ajudar outros a mudarem de vida. Ganha R\$ 700, renda que complementa como ajudante de pedreiro.

JULIA TERAYAMA/AT



FABIANO foi morador de rua, mas mudou de vida após fazer concurso

MUDANÇA DE VIDA

Morador de rua vira servidor público

Quem vê hoje o servidor público Fabiano Almeida Nascimento, de 44 anos, trabalhando no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), da Prefeitura de Vila Velha, não imagina a vida difícil que ele teve antes de assumir o cargo.

Aos 23 anos, após a morte da mãe, ele deixou a casa da família e perdeu o emprego em São Paulo.

Do estado paulista, ele foi para Minas Gerais e seguiu para o Espírito Santo andando a pé e pedindo carona na beira da estrada.

“Minha vida pela rua era tomar cachaça e fumar maconha. Fome eu não passava, pois sempre tinha alguém que me dava comida”, relata.

Já no Estado, Fabiano foi roubado e perdeu todo o dinheiro e os documentos.

“Nessa época, estava muito mal e, em uma noite, em que eu estava comendo um pão duro junto com um cachorro, um grupo passou pelas ruas evangelizando. Decidi aceitar a ajuda e fui para uma casa de recuperação”, contou.

Há seis anos fora da rua, Fabiano se casou e mora em Vila Velha. Ele também preside uma associação

que cuida de pessoas que estão na rua e em risco social.

Em 2008, Fabiano estava atuando como vendedor autônomo de telefone – trabalho que conseguiu por intermédio do grupo que o tirou da rua –, quando um colega avisou sobre um concurso da prefeitura de Vila Velha:

“Concluí o 2º grau (ensino médio) antes mesmo de morar na rua. Quando soube do concurso, decidi estudar em casa e passei.”

Em junho de 2008, ele tomou posse no cargo de educador social.

A remuneração para a função é de R\$ 510.

“Mesmo já tendo estudado antes de morar na rua, hoje continuo me qualificando para concursos públicos em

busca de uma remuneração melhor. Quero ter condições e dar oportunidade às pessoas que estão em risco social”, declarou.

Em relação às pessoas que ajudam oferecendo comida a quem está na rua, por exemplo, ele afirma que é preciso ter cuidado.

“Eu vivi isso e sei que quem está na rua fica acostumado a ganhar as coisas e não se empenha em sair dessa vida”, aconselhou.

Engenheiro dribla pobreza

Filho de ex-morador de rua, José Nilton Tozato Júnior, de 39 anos, driblou as dificuldades de sua família e hoje é engenheiro mecânico e consultor na área de siderurgia com atuação em todo o País e no exterior.

Segundo o engenheiro, seu pai, José Nilton Tozato, veio de uma família de agricultores e, aos 6 anos, foi encaminhado para um internato porque sua mãe estava doente e não tinha condições de criá-lo. Aos 9 anos, ele fugiu e, como sua mãe ainda estava em tratamento, passou a viver nas ruas:

“Em vez de entrar na criminalidade, meu pai preferiu trabalhar como vendedor ambulante de jornais”, contou o engenheiro.

Tozato Júnior conta que o pai conseguiu um emprego na oficina da então Escola Técnica Federal do Espírito Santo (que hoje se chama Ifes), e assim conseguiu se matricular e estudar nas horas vagas:

“Meu pai foi um grande mentor que muito me incentivou ao crescimento espiritual, intelectual, profissional e científico. Sua história de vida foi um conjunto de valores e princípios que foi útil, maior que todas as heranças.”

Conhecendo a história de seu pai, hoje já falecido, Tozato se empenhou nos estudos para se tornar

um grande empresário. “Cheguei a andar três horas para ir à escola e até passei fome na infância. Já tive que vender minhas bolinhas de gude para comprar comida.”

Formado em Metalurgia pelo Ifes e em Engenharia Mecânica na Universidade Federal do Espírito Santo, o empresário administra, desde 2003, a Tozato Engenharia, que atua no setor de desenvolvimento de sistemas para aplicação em usinas siderúrgicas. Ele também é escritor e lançou o livro “Sem Sacrifício Não Há Vitória”.



TOZATO: exemplo de esforço do pai

Humilhado por não estudar

Há casos também de pessoas que não viveram nas ruas, mas vieram de famílias humildes e tiveram dificuldades ao longo da carreira profissional.

Ananias Rangel Mello, 48 anos, e Maria Adenir Pereira, 37, viveram histórias semelhantes ao serem humilhados pelos chefes por não terem estudo. Ananias contou que tinha o 1º grau (ensino fundamental) quando trabalhava em uma empresa do setor de siderurgia e precisou fazer um memorando para o chefe (relatório de atividades de uma empresa).

“Escrevi muitas palavras errado, e meu chefe me chamou a atenção e disse que eu era burro. Fiquei revoltado com a situação e falei com ele que dentro de quatro anos ele ia ser convidado para a minha formatura”, disse.

Após esse episódio, Ananias, com 27 anos, fez supletivo para concluir o ensino médio e, em se-

guida, passou no vestibular para o curso de Direito: “Na época, a empresa em que eu trabalhava pagava as despesas com o curso.”

Ananias atua na área criminalista e já foi professor universitário.

Já Maria Adenir trabalhava como auxiliar de serviços gerais quando precisou de anotar um recado para uma chefe e disse que não iria fazer.

No outro dia, a chefe do setor, sabendo da situação, reprimou Maria Adenir pela atitude.

“Chorando, expliquei que não havia escrito o bilhete porque não sabia escrever. A responsável pela empresa respondeu que então não deveria estar trabalhando, e sim procurando uma escola.”

Maria Adenir conta que se sentiu muito humilhada e, depois de alguns meses, decidiu estudar.

No final do ano, ela concluiu o ensino médio e sonha em fazer faculdade de Serviço Social.

ANÁLISE

Desemprego e falta de estrutura levam pessoas a morar na rua

“É comum nos depararmos com diversas cenas, muitas vezes até chocantes, de pessoas que têm a rua como único ‘abrigo’. Os motivos que levaram a essa situação extrema são vários e, na maioria das vezes, envolvem casos de alcoolismo, drogas ou desemprego.

Com a vida totalmente desestruturada e, em geral, pautada na solidão, o morador de rua não tem perspectivas. Esse indivíduo, marginalizado e distante da sociedade, por sua vez, acaba criando vínculo com

a rua e com as pessoas que estão na mesma situação.

Sendo assim, para que haja, de fato, a ressocialização, é preciso desenvolver um grande trabalho, envolvendo uma série de esforços.

Auxílio com dormitórios, atendimento médico e odontológico, assistência de profissionais como psicólogos e assistentes sociais e orientações sobre higiene pessoal, formação ética, moral e, inclusive, religiosa, podem contribuir para o resgate da cidadania do morador de

Capacitação profissional, abrigo e crédito em prefeituras

Para quem deixa as ruas, a Secretaria do Trabalho, Assistência e Desenvolvimento Social (Setades), oferece abrigo e capacitação profissional.

As pessoas em situação de risco são encaminhadas aos Centros de Referência Especializados da Assistência Social (Creas) ou aos Centros de Referência de Assistência Social (Cras) dos municípios. O atendimento é feito em parceria com as prefeituras.

De acordo com a Setades, não há informações sobre quantos moradores de rua há no Estado. Porém, neste ano o cadastro começará a ser feito. São 50 Creas, espalhados em 50 municípios, e 107 Cras, situados em 68 cidades do Estado.

CRÉDITO

Há casos de famílias cujos filhos vivem nas ruas e, com o aumento da renda, voltam a morar em casa e frequentar escolas, segundo relatos de agentes do programa Nossocrédito, operado pelo Banco de Desenvolvimento Econômico do Espírito Santo (Bandes).

O programa oferece crédito de R\$ 200 a R\$ 7.500 para quem tem experiência em alguma atividade e quer abrir um pequeno negócio.

Os juros, que eram de 1%, caíram para 0,7%, e as 93 agências que operam com este tipo de empréstimo funcionam justamente nas comunidades mais carentes.



AGÊNCIA do Nossocrédito: renda



Angela Abdo, Presidente da Associação Brasileira de Recursos Humanos - ES

rua e sua reintegração com cidadão a família e a sociedade.

Mas vale lembrar que, mesmo com todo o auxílio necessário, o processo de ressocialização depende muito também do próprio indivíduo.

Ele precisa deixar a comodidade de lado e se esforçar para começar uma nova vida. A contribuição da sociedade como um todo, ajudando o próximo e livrando-se do preconceito para aceitar essas pessoas é imprescindível para que, efetivamente, haja a ressocialização.”